

O céu



Todos nós temos alguma relação com o céu, alguma memória ou história, algum ensinamento passado por nosso pais, avós, bisavós, vizinhos.

O céu influencia em atividades humanas como plantar, podar, retirar madeira, fazer uma roça, observar as marés antes da pesca. A quem diga que ele influencie nossos sentimentos, sono, partos ou mesmo nossa conexão com a natureza. E ainda que tão próximo e tão presente em nós, para muitos, o céu ainda é um grande mistério.

Para desvendar esse mistério podemos voltar pra um tempo muito distante, antes dos tatara-tatara-vôs dos nossos tatara-vôs, antes do celular, da TV, da energia elétrica, antes do carro, da roda e dos pastos. Vamos visitar nossos antepassados e nossos amigos das cavernas.

Os antigos povos, ao olhar pro alto do céu, começaram a observar tudo o que havia e acontecia nele. Parecia uma grande cúpula que encobria a Terra, que parte do tempo era negra, outra era azul e nas transições ficava amarelada, alaranjada e vermelha.

Incrustadas nessa cúpula havia alguns pontos brilhantes, aparentemente fixos. Às vezes aparecia, no escuro, um disco claro, que mudava de forma sempre que escurecia. O disco ia ficando oval, depois com formato de foice e afinava até sumir.

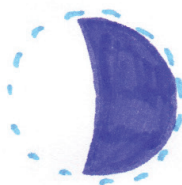
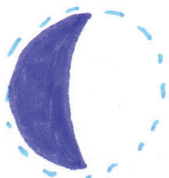
Em contrapartida, uma bola muito brilhante era sempre vista quando a cúpula estava clara. Quando a bola amarela ia embora, levava com ela as cores e o calor, trazia sons estranhos e animais diferentes, o perigo parecia ser maior em um mundo menos visível.

Não demorou muito para entenderem, a partir de uma observação diária, que tudo havia um ritmo, um ciclo, que o céu mudava ao longo de alguns períodos do dia, do mês e do ano e então voltava a um mesmo ponto.

Esses ciclos pareciam se relacionar de forma profunda com a natureza ao redor, que também tinha um ciclo: as flores, os frutos, as plantas em geral, a mudança de pele das cobras, a época de desova dos peixes, as marés. Tudo funcionava em conjunto, de forma que o tempo do céu era o tempo que ditava a vida na Terra.

Ao observar e entender o céu, começaram a ver que podiam prever eventos como a chuva, a seca, as estações do ano, cheias de rio, nível do mar. A vida foi encontrando algum sentido, parecendo menos um mistério. Para muitos fins práticos, como caçar, colher, plantar, pescar, encontrar remédios, saber quando construir uma casa era importante conhecer a duração dos ciclos da natureza ou de forma mais específica, a duração dos ciclos dos astros.

O dia tem a manhã e a noite. O Sol nasce e se põe, então a Lua e as estrelas aparecem e se põem. Então o Sol nasce novamente e é um outro dia! O mês tem as quatro fases da Lua: nova, crescente, cheia e minguante, então no outro mês o ciclo se repete. Um ano pode ser dividido em quatro estações: primavera, verão, outono e inverno ou em épocas de chuva e de seca. E a cada ano tudo se repete. A gente marca o tempo conforme o céu!



E sendo o céu tão conectado e fundamental para a vida na Terra, diversos povos, em diferentes locais, com diferentes culturas foram criando mitos que explicassem a vida e os elementos do céu. Os mitos foram formas de responder a perguntas fundamentais que até hoje nos afligem: Quem somos? De onde viemos? Qual foi o início de tudo? O que rege as nossas vidas?

Mitos de diversas culturas e de ambientes muito diferentes ao redor do planeta, possuem alguns elementos e princípios em comum. Afinal, o céu é uma coisa que compartilhamos, estamos sob o mesmo Sol, vivendo no mesmo planeta, submetidos aos mesmos ciclos.

Para desbravar alguns desses mitos vamos continuar nossa viagem...

No continente Africano, a comunidade Iorubá, tem um mito lindo sobre o dia e a noite:

Orum, o Sol, andava exausto. Desde a criação do mundo ele não tinha dormido nunca. Brilhava sobre a terra dia e noite. Orum já estava a ponto de morrer de cansaço e apagar-se. Com seu brilho eterno, Orum maltratava a terra, ele queimava a terra dia após dia, já quase tudo estava torrado e os humanos já morriam todos. Os orixás já estavam preocupados e reuniram-se para encontrar uma saída.

Foi Iemanjá quem trouxe a solução. Ela guardara sob as saias alguns raios de Sol. Ela projetou sobre a Terra os raios que guardara e mandou que o Sol fosse descansar para depois brilhar de novo. Os fracos raios de luz formaram um outro astro. O sol descansaria para recuperar suas forças e enquanto isso reinaria Oxu, a Lua. Sua luz fria refrescaria a Terra e os seres humanos não morreriam de calor. Assim graças a Iemanjá o Sol pôde dormir. À noite, as estrelas velam por seu sono até que a madrugada traga outro dia.

Além do Sol e da Lua, as estrelas também eram pano de fundo para diversos mitos e histórias contadas de geração em geração. Todos os povos, sem exceção, viam os pontinhos brilhantes no céu e visualizavam desenhos que acabavam sendo usados para contar no céu mensagens

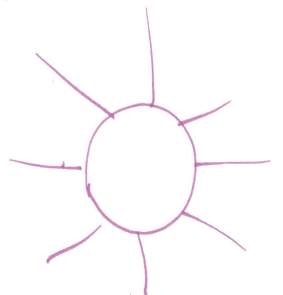
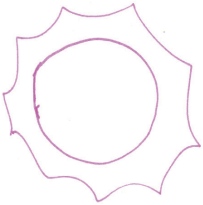
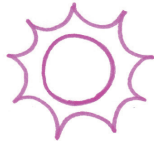
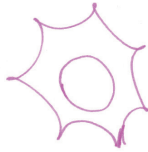
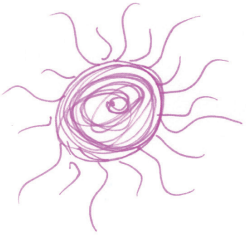
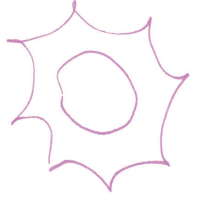
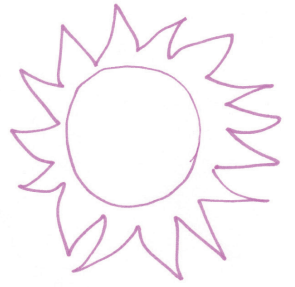
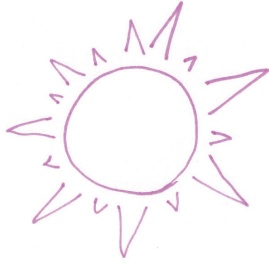
e ensinamentos, valores e histórias do bem e do mal que permeavam o imaginário popular.

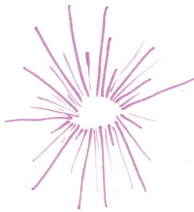
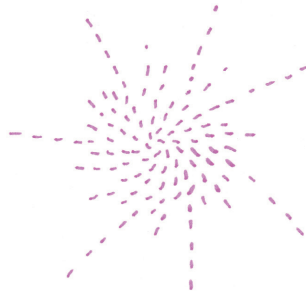
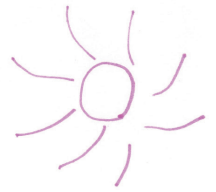
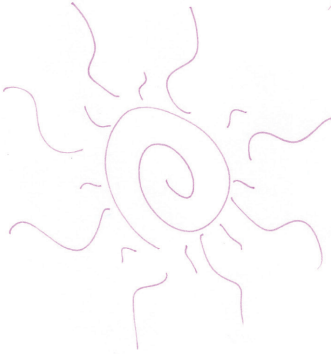
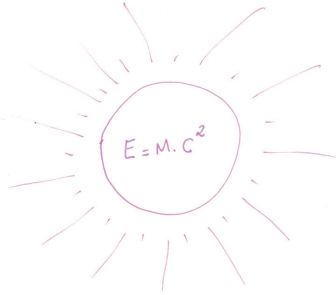
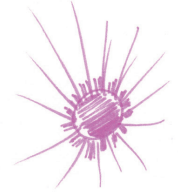
Viajando para a Europa das Grandes navegações, encontramos um mito sobre conjuntos de estrelas que você, provavelmente, já ouviu falar: as Três Marias e o Cruzeiro do Sul. Alguns dizem que as três Marias representam as três mulheres que visitaram o túmulo de Jesus ou mesmo os três reis magos que visitaram Jesus na manjedoura e o presentearam. O Cruzeiro do Sul também é uma constelação com forte conexão cristã. Foi fundamental para os navegantes que vinham do continente europeu se guiarem na direção do Sul, pois a base dessa cruz no céu sempre apontava para o Ponto Celeste Sul.

Seguindo para Grécia Antiga, vemos que os gregos olharam três estrelas alinhadas e viram o cinturão de um gigante caçador, Órion. Segundo o mito, Órion prometera matar todos os animais da Terra. Então Ártemis, deusa da caça e protetora dos animais, enviou o escorpião para matá-lo, o que de fato aconteceu. No céu eles estão em perseguição eterna. Foram colocados em posições opostas no céu e nunca são vistos juntos. Quando um nasce o outro já está se pondo. Enquanto no verão Órion caça livremente, no inverno o Escorpião aparece e o caçador se põe em fuga.

Para o povo Maori da Nova Zelândia, esta mesma constelação representava um anzol, que foi o responsável por trazer a Nova Zelândia à superfície, quando ela foi pescada pelo deus Maui. Inclusive uma das ilhas tem nome cujo significado é "o peixe de Maui".

Para muitos povos indígenas na América do Sul, seu formato representava uma pata dobrada da grande Ema ou Guirá Nhandu em Gaurani. Essa grande Ema significava sabedoria, e a partir dela que surgiu o conhecimento de todas as outras constelações. De acordo com o mito, a Ema no céu quer devorar duas outras estrelas que ficam em frente a seu bico e essas mesmas estrelas que formam o Cruzeiro do Sul seria responsável por segurar a cabeça da ave que, uma vez solta, poderia beber toda a água da Terra. Na época em que a Ema aparece no céu ocorre a seca dos rios.





Para anunciar a cheia do rio e as épocas de chuva, em algumas comunidades indígenas, ouvimos falar do Homem Velho. O mito dele conta que sua esposa estava interessada no irmão dele e, por isso, matou o marido cortando-lhe uma perna, para poder então ficar com o cunhado. Os deuses, com pena do homem, o transformaram em uma constelação. As três Marias podem ser vistas como uma parte da perna do Homem Velho.

Esses e muitos outros mitos foram contados, modificados e alguns ainda permanecem vivos nas culturas. Mas com o passar do tempo, algumas pessoas começaram a levantar outros tipos de questionamentos sobre o céu e os mitos. Elas então foram desenvolvendo objetos capazes de observar e mapear o céu de forma mais profunda e, então, começaram a criar teorias para entender o que poderiam ser todos aqueles astros e o que regia o movimento deles.

Algumas teorias foram aceitas por muito tempo, até que outras pessoas apareceram com novas observações ou interpretações, adaptando as teorias com o objetivo de explicar o céu de forma mais precisa. Nossas ideias sobre o mundo se adaptam conforme nossa sociedade vai mudando. Cada tecnologia, cada pequena contribuição, vão aos poucos criando novas hipóteses ou aperfeiçoando as já existentes. Essa construção conjunta e contínua do conhecimento nos trouxe para o que entendemos hoje sobre o universo através da ciência.

O conhecimento científico é uma outra forma que o homem encontrou para prever e descrever alguns comportamentos e formas da natureza. Para tanto, suas principais ferramentas são a observação, a matemática e as hipóteses (que podem ser validadas ou não). Através de experiências, os cientistas sempre questionam as suas próprias teorias em busca de evoluir e tentam ser cada vez mais precisos em descrever o comportamento de tudo o que é estudado por eles.

Com esses estudos puderam compreender que os pontinhos brilhantes podem ser estrelas como o nosso Sol, algumas 10 vezes maiores que ele, só que tão tão distantes no espaço que vemos apenas como um pontinho brilhante. Outros pontinhos são planetas como a Terra,

porém com características distintas, e dos que estão no Sistema solar, nenhum deles capaz de abrigar a vida. Existem também os pontinhos que são satélites naturais, como a lua, cometas, meteoritos, e até galáxias. Alguns se movem de modo bem rápido e outros bem devagar. Sabemos que as muitas estrelas, cada uma com seus próprios planetas que as cercam, fazem parte de um grande bairro celeste, a nossa galáxia Via Láctea. E ainda existem uma quantidade quaseinfinita de galáxias, cada qual com sua coleção de estrelas e planetas. E isso é só o que conseguimos observar até agora.

Diante dessa imensidão, um universo tão grande e infinito, nosso tamanho é menor que um grão de areia da praia, vivendo no único pontinho azul e verde que sabemos abrigar alguma forma de vida. E estamos aqui contemplando, questionando e desvendando os mistérios do mundo e da nossa existência.



Projeto realizado no Interactivos? '19 na Silo - Arte e Latitude Rural
agosto / 2019